

SÍTIO DONA DALVINA: CONTRIBUIÇÕES PARA OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DO SUL DO AMAPÁ

Carla Daiane de Matos¹
Keyla Maria Ribeiro Frazão²
Alexandra Caroline Guimarães dos Santos³
Marcus Vinicius Brito Guedes⁴
Luiz Eduardo Nunes Oleiro⁵
Rafael Amaral Stabile⁶

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais alcançados a partir de análises realizadas nas coleções arqueológicas do sítio Dona Dalvina, localizado no sul do Amapá. Trata-se de um contexto pré-colonial a céu aberto, representado pela ocorrência de materiais cerâmicos, funerários e líticos. Logo, a abordagem proposta privilegiou a correlação dos dados obtidos para as três classes de vestígios identificados, no intuito de demonstrar aspectos intra-sítio e suas relações em escala regional. A pesquisa, embora inicial, permite inferir que o sítio Dona Dalvina está inserido em um espaço mais amplo de ocupação Koriabo no Amapá e no platô das Guianas, tendo em vista as semelhanças entre a cultura material deste sítio e outros contextos arqueológicos já estudados.

Palavras-chave: Coleções arqueológicas; Sul do Amapá; Koriabo.

¹ Historiadora e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn/UFMG). E-mail: carlamts15@gmail.com

² Arqueóloga do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA (Nuparq/IEPA). Especialista em Arqueologia, Gestão e Educação Patrimonial e Mestra em Geociências (MN/UFRJ). Email: keyla-frazaio@hotmail.com

³ Historiadora e Bolsista de Apoio Técnico do Nuparq/IEPA. Email: alexancgs@gmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação Científica do Nuparq/IEPA e discente do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Email: marcusguedesh@gmail.com

⁵ Arqueólogo do Nuparq/IEPA. Email: leno_bmx@hotmail.com

⁶ Doutorando em Arqueologia do Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Arqueólogo do Nuparq/IEPA. Email: stabilearq@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitos sítios arqueológicos têm sido registrados no sul do Amapá, principalmente devido à projetos de arqueologia preventiva executados pelo NuPARq/IEPA⁷ e outras equipes. Com exceção dos sítios Laranjal do Jari 01 e 02, cujas coleções já foram analisadas por Barreto (2015), Lima (2017) e demais pesquisadores⁸, outros contextos foram estudados apenas de forma incipiente. Atualmente, o referido núcleo tem sido responsável também pelas análises do material proveniente dos sítios da UHE Santa Antonio do Jari, que foi resgatado por outra equipe de arqueologia (Scientia 2013). O sítio Dona Dalvina está entre os sítios escavados nesse projeto, com análises em desenvolvimento no NuPARq/IEPA.

Neste trabalho, apresentamos as principais características identificadas nas coleções arqueológicas provenientes do sítio Dona Dalvina. Os resultados, embora preliminares, demonstram semelhanças entre este sítio e outros contextos arqueológicos já conhecidos na região sul do Estado, como os dos sítios Laranjal do Jari 01 e Laranjal do Jari 02. Estes dois últimos são assentamentos com camadas de Terra Preta Arqueológica (TPA) de até 1 m de profundidade, sepultamentos humanos em urnas associados a espaços domésticos e, ainda, a presença de cerâmicas marcadas por suas características morfológicas e estilísticas, comumente relacionadas aos estilos Jari e Koriabo.

Mesmo com a realização de grandes empreendimentos e o desenvolvimento de projetos de arqueologia, a região sul do Amapá ainda é pouco conhecida. Soma-se a esse dado, a peculiaridade de alguns dos contextos arqueológicos mais estudados ali, em que se sobrepõe espaços domésticos e funerários, uma tecnologia lítica particular e cerâmicas vinculadas aos estilos Jari e Koriabo (Barreto 2015). Considerando, dessa forma, que novos estudos sobre sítios no sul do Amapá devem aprimorar nossa compreensão sobre as ocupações locais, o objetivo deste trabalho é compartilhar os resultados preliminares dos materiais arqueológicos do sítio Dona Dalvina. Esperamos assim, contribuir de forma modesta com as discussões mais gerais sobre as cerâmicas identificadas na região e sua associação com outros elementos do registro

⁷ Núcleo de Pesquisa Arqueológica, Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.

⁸ Fabrício Ferreira e Francisco Coutinho, ex-bolsistas do NuPARq/IEPA, também analisaram a coleção cerâmica do sítio Laranjal do Jari 01.



arqueológico. Em acordo com esse objetivo, apresentamos o resultado de uma análise intra-sítio, que procurou integrar os materiais cerâmicos, vestígios líticos e os poucos dados disponíveis sobre o contexto funerário, além de algumas das características da região.

2. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DONA DALVINA

O sítio arqueológico Dona Dalvina está localizado na região do Vale do Jari, à margem do rio Iratapuru, nas coordenadas UTM 22 M 327446 | 9937212, sul do estado do Amapá (Figura 1). Este contexto foi identificado durante as atividades de licenciamento arqueológico na área de influência da UHE Cachoeira Santo Antônio (Scientia 2013). As coleções geradas no âmbito do projeto ora desenvolvido estão sob salvaguarda do NuParq/IEPA, instituição responsável pelas análises e salvaguarda desses materiais.

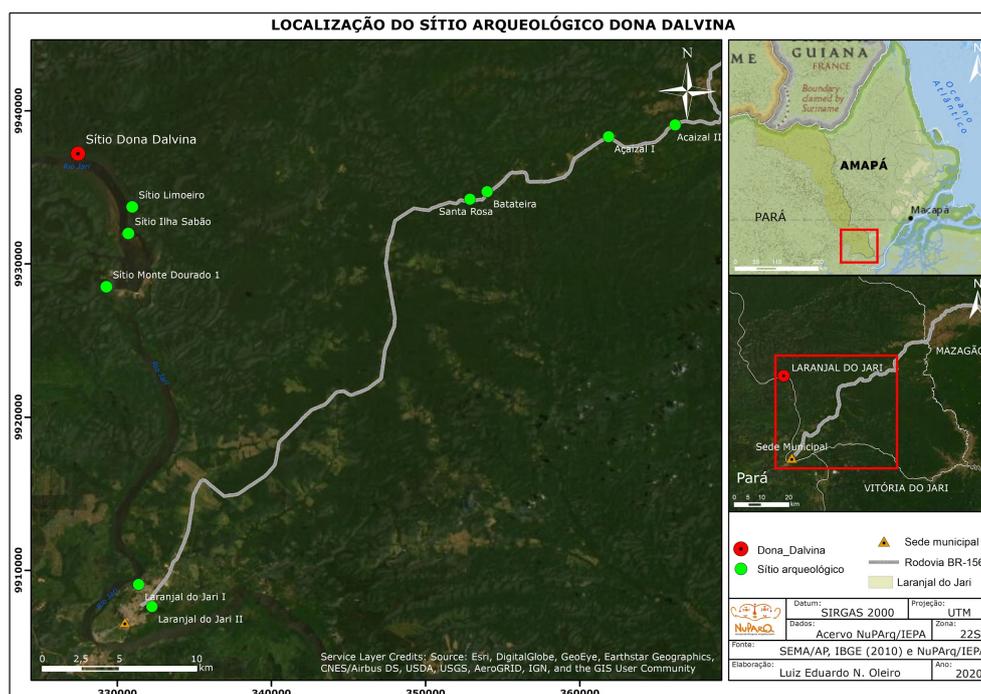


Figura 1 – Localização do sítio Dona Dalvina em relação a outros sítios conhecidos na região sul do Amapá. Fonte: SEMA/AP, IBGE (2010) e NuParq/IEPA (2020).

Outros sítios são conhecidos na região, como aqueles identificados durante o mesmo projeto: Limoeiro, Ilha Sabão e Monte Dourado I (Scientia 2013). As obras de construção e asfaltamento da Rod. BR-156 também colocaram sob impacto diversos sítios arqueológicos na

região sul do Estado, alguns dos quais com grande potencial cultural e científico, como Batateira, Ramal da Boca do Braço, Açaizal I e Açaizal II - recentemente revisitados em trabalhos do NuPArq/IEPA (Silva & Costa Leite 2019, Stabile & Nazaré 2019). Finalmente, os sítios Laranjal do Jari 01 e 02 estão entre os mais conhecidos da região, já que foram objeto de escavações amplas e pesquisas acadêmicas (Barreto 2015, Lima 2017).

A área do sítio Dona Dalvina apresenta superfície plana com cobertura vegetal marcada pela presença de plantio diversificado. Para a execução do resgate arqueológico, duas estratégias para a abordagem da área foram implementadas. A primeira consistiu no uso de uma malha sistemática de sondagem composta por 698 tradagens, dentre as quais 406 foram positivas para material arqueológico. A partir disto, unidades amostrais de 1x1 m foram distribuídas sobre as áreas com maior densidade de materiais, totalizando a abertura de 50 unidades. Os resultados revelaram um pacote estratigráfico com presença de Terra Preta Arqueológica (TPA), com profundidade máxima de 70 cm, contudo, apresentando grande densidade de material arqueológico, sobretudo cerâmico, além de líticos e um sepultamento humano (Scientia 2013).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Vestígios cerâmicos

A escolha da amostragem cerâmica foi realizada a partir da coleção proveniente do resgate arqueológico, tendo como critério a presença de vasilhas inteiras, elementos diagnósticos como bordas decoradas, fusos, bases e apliques, entre outros, além da distribuição espacial das unidades de escavação e sua relevância intra-sítio. Neste trabalho foi colocada ênfase sobre os atributos morfológicos e estilísticos, como forma de identificar as analogias com os demais contextos já estudados na região.

A classificação morfológica foi realizada de acordo com preceitos desenvolvidos por Arcelin & Rigoir (1979) e Shepard (1956), portanto, baseada nos critérios geométricos da estrutura do vasilhame, o tipo de contorno, e a forma da borda. Para esta análise foram realizadas reconstituições gráficas através de software de edição e criação de imagens, em que os diferentes tipos cerâmicos identificados foram agrupados digitalmente em pranchas, permitindo a visualização total da variabilidade cerâmica do sítio em estudo.



A análise estilística foi baseada na observação e descrição da adição do engobo e pintura, bem como dos motivos decorativos, baseados em recentes trabalhos sobre estilo cerâmico, como Barreto et al. (2016).

3.2 Materiais líticos

As análises seguiram as diretrizes metodológicas comumente adotadas para o estudo das coleções líticas do NuPArq/IEPA. Esta metodologia baseia-se nos conceitos utilizados pela escola francesa (Leroi-Gourhan 1964, Tixier 1978, Inizan et al. 1995, Pelegrin 1995, entre outros), que consideram as coleções a partir do elemento tecnológico e estudos de cadeia operatória.

Pensando a coleção a partir de conceitos como o de “cadeia operatória”, não é dada ênfase somente nos produtos ou instrumentos, mas também ao seu processo de confecção. Este processo pode envolver muito mais que atividades físicas, podendo incluir atividades mentais relacionadas aos conhecimentos adquiridos (Haudricourt 1987).

Logo, os diferentes tipos de objetos que compõem uma coleção podem fornecer informações sobre as diferentes técnicas envolvidas. Por sua vez, essas técnicas ajudam a entender gestos e aspectos relacionados aos conhecimentos coletivos sobre os modos de fazer ou saber fazer (*savoir-faire*), o que pode indicar atividades técnicas e práticas culturais de grupos antigos (Inizan et al. 1995). Buscou-se também entender de que forma a disponibilidade de matéria prima na região está relacionada ao gerenciamento ou economia de matéria-prima na coleção.

3.3 Remanescentes ósseos

A escavação da única funerária recuperada durante o resgate do sítio ocorreu em laboratório. Considerando o nível de fragmentação da estrutura – que se mantinha estável apenas através do suporte do próprio solo – o método definido para a escavação foi a plotagem dos fragmentos ósseos e dentários identificados junto ao sedimento. A plotagem foi auxiliada por croquis fotográficos. Foram tomadas fotografias de topo e do aspecto geral da estrutura e materiais ao longo de sua escavação. A análise do conteúdo biológico do sepultamento foi



realizada a partir de quatro etapas: identificação anatômica das estruturas reconhecíveis (com lateralidade); inventário dos ossos e fragmentos ósseos; análise dos processos tafonômicos e estimativa do número mínimo de indivíduos (Buikstra & Ubelaker 1994).

A identificação do material, com lateralidade (quando possível), foi baseada em White et al. (2012). Embora cada estrutura óssea, fragmento ou conjunto de fragmentos tenha sido identificado buscando a maior especificidade possível, a maioria deles foi incluído em categorias mais amplas como “fragmento de osso longo” ou “fragmento de área articular”. Aos pequenos fragmentos, muitas vezes menores do que 2 cm, amorfos e sobre os quais nenhum processo anatômico ou forma específica foi reconhecida, aplicou-se a classificação “Fragmento Não-Identificado”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleção cerâmica deste sítio é composta por 41.454 fragmentos, sendo 37.623 deles provenientes da etapa de resgate arqueológico. Para esta caracterização parcial, foi selecionada uma pequena amostra de 447 fragmentos e 9 vasilhas que foram remontadas integral ou parcialmente, vindas de 17 quadras do sítio.

A análise tecnológica revelou que a maior parte dos fragmentos analisados apresentou algum sinal de desgaste na parte interna ou externa. Esse índice de fragmentos com erosão parcial dificultou o reconhecimento de alguns aspectos da análise, como tipo de tratamento de superfície, marcas de uso ou manufatura. Quanto à técnica empregada na manufatura da cerâmica, foi observado o uso de roletes, tendo o alisamento como tratamento de superfície. Dentre a amostra, os tipos de antiplásticos preponderantes são o minério de ferro e o quartzo, que são usados juntos na maioria das vezes. Há ainda a presença reduzida de mica, cariapé, caco moído e um tipo de mineral graxoso preto, também identificado no sítio Laranjal do Jari 01 por Barreto (2015). O tipo de queima observado em mais da metade da amostra foi com oxidação total, que ocorre devido a queima do material em ambiente aberto ou com pouco controle sobre o oxigênio, e a fuligem foi a principal marca de uso registrada, principalmente em fragmentos de bases.



O sítio apresentou uma variedade de tipos morfológicos, com a presença de vasilhas como assadores, tigelas, vasilhas não restringidas e jarros, que são associadas às atividades domésticas, com possíveis utilizações para a cocção, transporte e consumo de alimentos/líquidos (Figura 2). Porém, um dos aspectos que chamou atenção na análise é a presença de tipos morfológicos bastante decorados, que também foram encontrados em outros sítios da região como Laranjal do Jari 01 e 02 e são relacionados à contextos Koriabo.

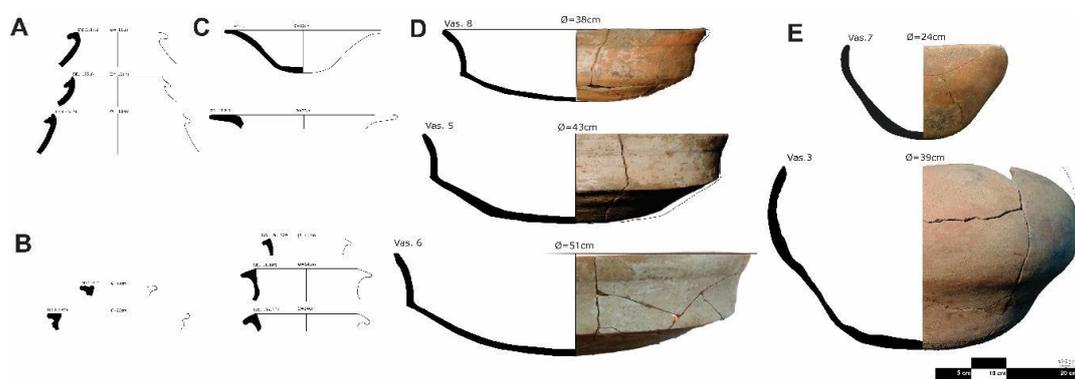


Figura 2 – Tipos morfológicos associados a usos ritualísticos e contextos Koriabo. A) Jarro ouriçoforme; B) Potes e Jarros tóricos; C) Vasilha floriforme; D) Tigela carenada; E) Vasilha ovalóide. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).

Os jarros ouriçoformes (Figura 2.A), que segundo Barreto (2015) foram nomeados dessa maneira por conta da semelhança entre sua morfologia global e o ouriço da castanha sapucaia, apresenta morfologia semelhante aos vasos Guarita de flange mesial, que ocorrem no médio Amazonas, já analisados por Oliveira (2016). Esse tipo foi descrito por Barreto na cerâmica do Laranjal 01, com decoração formada por motivos raspados ou incisos na parte superior do corpo, com motivos iconográficos que formam rostos ao longo da vasilha (Barreto 2015:328). A maioria dos perfis usados para a construção desse tipo apresentaram alguma modificação na borda, com incisões ou mesmo apliques na parte externa.

Muitos fragmentos de jarros e potes tóricos também foram encontrados no sítio Dona Dalvina, tendo como características a presença de flanges labiais com decorações plásticas, abertura restringida, contorno complexo com vista lateral globular (Figura 2.B). Esse tipo de vasilha, além de estarem presentes nos sítios do vale do Jari, também foram registrados na



maioria dos sítios Koriabo no escudo das Guianas, Amapá e Pará (Evans & Meggers 1960, Boomert 2004, Rostain 1994, Saldanha et al. 2016, Barreto 2015, Lima 2017).

As vasilhas floriformes são tigelas não restringidas, com fundo circular e que apresentam um flange labial lobulada, com formato floral quando vista de cima (Figura 2.C). Nos sítios de Laranjal do Jari, essas tigelas apresentam um contorno carenado, enquanto as duas vasilhas do Dona Dalvina que fazem parte da amostra analisada se assemelham àquelas encontradas no sítio Crique Sparouine, na Guiana Francesa por Van Den Bel (Barreto 2015).

As tigelas carenadas são vasilhas não restringidas, com contorno composto, formato semiesférico carenado, possuindo lábio plano ou arredondado, com reforço externo na borda (Figura 2.D). A forma da borda é inclinada ao exterior, com perfil exterior côncavo. As bases são convexas ou planas. Este tipo de tigela é recorrente no Suriname, onde foi registrada por Boomert (2004) na tipologia de uma coleção Koriabo, apresentando também o mesmo tipo de decoração com traços pretos e vermelhos sobre o engobo branco. Elas também ocorrem nos Sítios Laranjal do Jari 01 e 02, como o mesmo padrão decorativo (Barreto 2015, Lima 2017). No sítio Dona Dalvina foram encontradas 3 vasilhas dessas em bom estado de preservação na principal superfície ampliada e mais 1 no contexto funerário.

As ovalóides são vasilhas não restringidas, com contorno infletido, lábio afilado ou arredondado, com parte do bojo pronunciado (Figura 2.E). A borda é inclinada ao interior, perfil exterior convexo, e a base é côncava e circular. Na área ampliada, foram encontradas 2 vasilhas dessa tipologia apresentando integridade parcial, e ambas estavam com vasilhas carenadas servindo como tampa e uma delas também apresentou um pequeno pote associado. A partir da localização dessas duas áreas, pode-se observar certo distanciamento do contexto funerário do local onde a maior parte das vasilhas inteiras foram encontradas. Embora as deposições fossem semelhantes, com as vasilhas carenadas embocadas em cima de uma vasilha principal, não havia sinais de sepultamento na primeira área, ainda que moradores locais tenham citado a ocorrência de material ósseo depositado fora de vasilhas.

A coleção cerâmica apresentou grande variedade de estilos decorativos, como incisões, raspagens, adições de apliques zoomorfos e antropomorfos e flanges labiais (Figura 3), além das



decorações pintadas, com uso de banhos ou traços policrômicos (Figura 4). A maior parte das peças possui algum tipo de decoração, seja no corpo da peça ou por meio de modificações na borda ou nos flanges, sendo registrado o uso de modificações nos lábios, seja por meio de retirada ou adição de pasta. Os flanges apresentam uma variedade de técnicas e motivos decorativos aplicados na sua face superior (Barreto et al. 2016:574). Na fase Koriabo, os flanges podem apresentar decorações raspadas com botões e apliques de baixo relevo, que foi definido por Rostain (1994) como estilo *Chaton fantastique*.



Figura 3 – Variedade estilística do material cerâmico, com decorações plásticas e pintadas: A) Apliques de botões (*nubbins*) e apliques de filetes; B) Apliques antropomorfos e zoomorfos; C) Flanges com modificações na borda. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).

Entre as decorações plásticas, as mais frequentes são dos tipos inciso e raspado, que ocorrem principalmente nos lábios das bordas, assim com a decoração acastelado. O uso de incisões com motivos curvilíneos, retilíneos e paralelas são frequentes em determinados campos decorativos próximos às bordas, e podem ocorrer com adição de ponteados. A decoração raspada, com motivos retilíneos paralelos também está presente em muitas tigelas. A adição de apliques consiste em 24% da amostra. Esses apliques podem ser antropomorfos, zoomorfos ou antropozoomorfos ou de filetes retilíneos e circulares ou botões (*nubbins*) que se assemelham a pequenos olhos. Evans & Meggers (1960) definiram este tipo de decoração como Koriabo Raspado, sendo encontrada em muitos sítios Koriabo não só no Amapá, mas em toda a região das Guianas.



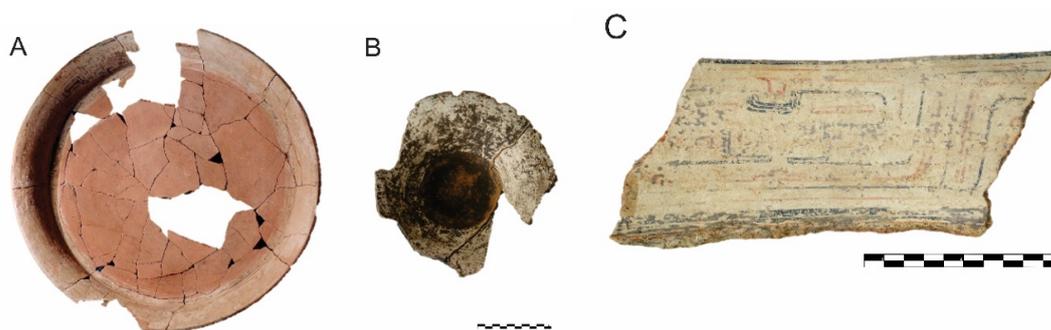


Figura 4 – A) Tigela carenada com banho e traços policrômicos; B) Vaso floriforme com banho branco; C) Detalhe dos traços policrômicos sobre banho branco no fragmento de tigela carenada. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).

As decorações pintadas correspondem a 4 tipos diferentes: 1) banho branco; 2) banho vermelho; 3) traços pretos e vermelhos sobre banho branco; 4) traços monocromáticos pretos, vermelhos ou amarelos sobre banho branco. As decorações pintadas com traços policrômicos são recorrentes na cerâmica Koriabo, como engobo branco ou vermelho em parte ou em toda a vasilha e pinturas de traços vermelhos e pretos sobre o engobo branco (Boomert 2004). Esse padrão de decoração pintada ocorre principalmente em vasilhas carenadas, onde também há presença de pintura vermelha sobre o lábio das vasilhas. Barreto (2015) observou que no sítio Laranjal do Jari 01 foi possível identificar somente o engobo branco nas vasilhas carenadas e alguns poucos traços vermelhos e/ou pretos, que se desgastavam com muita facilidade, explicando que talvez isso pode ser devido o processo de pintura ser realizado após a queima das vasilhas.

As vasilhas que apresentam pintura são os vasos floriformes e as tigelas carenadas (Figura 4). As primeiras apresentam banho branco na face interna e externa do flange labial, se estendendo até o início da base da vasilha, que apresenta um banho vermelho. As tigelas carenadas apresentam traços policrômicos, geralmente preto, vermelho e algumas vezes amarelo sobre engobo branco, e já foram descritas por Barreto (2015) e Lima (2017) nos sítios Laranjal do Jari 01 e 02, bem como por Boomert (2004) e Van Den Bel (2007) para contextos Koriabo na Guiana Francesa e do Suriname. Nessas peças os motivos decorativos se assemelham aqueles já descritos por Boomert (2004) e Barreto (2015) com linhas finas paralelas e curvilíneas, círculos, semicírculos e espirais.



Um aspecto importante a ser observado é o uso recorrente dessas vasilhas carenadas como tampas, como a que foi encontrada no contexto funerário existente no sítio. A escavação em laboratório desse sepultamento resultou na exposição de duas vasilhas cerâmicas sobrepostas. A tigela carenada, embora bastante fragmentada, estava emborcada sobre a maior e “protegia” os únicos vestígios ósseos humanos preservados desse sepultamento. A continuidade da escavação implicou no desmonte das mesmas, incluindo a base da urna, tendo em vista que apenas o sedimento mantinha as estruturas cerâmicas relativamente estáveis, sua forma original e seus fragmentos agregados.

Em relação à urna funerária, o pequeno conjunto de fragmentos ósseos recuperados da escavação estava associado a uma lâmina lítica de machado polida aderida ao sedimento. Dois fragmentos de ossos longos não-identificados puderam ser observados paralelos à base da urna e no mesmo nível da lâmina de machado. A melhor identificação possível foi a de uma diáfise de úmero adulto, que confirma a presença de pelo menos um indivíduo adulto sepultado. A identificação dessa estrutura óssea, embora prejudicada pelo estado de conservação do material, foi realizada através da morfologia geral e do aspecto do corte seccional característico do úmero (White 2012). Outros ossos foram identificados apenas como “Fragmento Não-Identificado”, “Fragmento de Osso Longo” e “Fragmento de Osso Plano”. Todos os fragmentos recuperados foram registrados sem uma localização precisa dentro da urna, tendo em vista a ausência de alguns dados contextuais e a própria ruptura do fundo da urna, dividindo seu conteúdo em diferentes blocos que foram escavados separadamente.

A despeito de seu avançado estado de deterioração, nenhum sinal de queima sobre os ossos foi observado. Também foram identificados pequenos carvões junto ao sedimento areno-argiloso do fundo da urna e dos pequenos blocos escavados, além de fragmentos de laterita. Fissuras e esfoliações observadas nos fragmentos apontam para impactos mecânicos, ação da umidade e do ambiente ácido ao qual estavam submetidos. Entretanto, a deterioração intensa do material não permitiu verificar a presença de perfurações, cavidades e fraturas. De todo modo, é importante considerar a possibilidade de um processo intenso de decomposição por ação biótica. Não foi possível verificar correspondência anatômica entre os ossos ou arranjo específico dos remanescentes dentro da urna.



A vasilha principal em que estavam depositados os vestígios ósseos apresentou erosão na face externa da base e fuligem em boa parte da superfície interior, incluindo base e parte da parede (Figura 4). As marcas de fuligem encontradas no interior da vasilha são indícios do provável uso doméstico da vasilha. Essa alteração comumente está relacionada a restos de alimentos que podem aderir à vasilha aquecida durante o cozimento e carbonizar (Skibo 1992), o que pode explicar resíduos aderidos ao fundo. A presença de fuligem observada na base da urna funerária fala a favor da hipótese de reuso de vasilhas e potes domésticos – destinados à conservação ou à cocção de alimentos – em funerais. Evidências como essa já foram identificadas na mesma região do sítio Dona Dalvina por Barreto (2015), durante a análise das estruturas funerárias do sítio Laranjal do Jari 01. Este autor observou a reutilização de vasilhas de uso doméstico, representadas pelas marcas de uso como fuligem e erosão interna, em deposições funerárias associadas à cerâmica Jari. Usando o conceito de “depósitos sacrificiais” de William Walker (1995:76 apud Barreto 2015), o autor aborda esses artefatos, que foram retirados de suas funções domésticas primárias para deposição em contextos cerimoniais e funerários.





Figuras 5, 6 7 e 8 – Urna funerária com tigela carenada embocada em seu interior; Sedimento com vestígios ósseos e lítico; fundo da urna funerária com fuligem; Lâmina polida. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).

Junto ao sepultamento, a lâmina de machado polida se caracteriza pela presença de gume assimétrico com micro-lascamentos em toda a sua extensão, e matéria prima com grãos homogêneos (Figura 5). Próximo ao gume é possível notar uma espécie de brilho, presente também nas laterais. Além do polimento há evidências de lascamento, como 3 negativos na parte proximal de uma das superfícies. Não foram identificadas alterações para encabamento, embora o gume apresente marcas que apontam para o uso dessa lâmina.

As demais peças da coleção lítica do sítio Dona Dalvina apresentam como principais atividades técnicas o lascamento e o polimento, compreendendo peças em diferentes estágios da cadeia operatória e uso de matérias primas diversas. Dentre os objetos identificados, destacam-se lâminas polidas, fragmentos angulares, lascas, núcleos, artefatos lascados e brutos. Os refugos



de lascamento, que incluem lascas e fragmentos angulares, se sobressaem em relação aos demais, embora a classe polida represente os instrumentos mais significativos da coleção.

Em geral, os artefatos polidos integram objetos como uma roda de fuso, um provável pingente, peças com polimento passivo provavelmente utilizadas para extração de pigmentos, polidores móveis (Figura 6) e uma diversidade de lâminas polidas, algumas inteiras e outras fragmentadas. Os artefatos brutos incluem uma boleadeira, percutores (alguns inteiros e outros fragmentados), um afiador em canaleta e algumas bigornas (Figura 5). As lascas estão representadas por peças unipolares, bipolares, fragmentadas, lascas com superfície cortical, entre outras. Algumas lâminas lascadas foram identificadas, como também uma lasca com pequenos lascamentos no gume, entre outras peças não classificadas.



Figura 9 – A: Provável pingente; B: Objeto tipo afiador em canaleta; C: Percutor/Quebra coco com alterações térmicas (vitrificação); D: Pequeno percutor sobre seixo; E: Artefato polido sobre hematita; F e G: Peças em arenito com polimento passivo (possíveis polidores móveis). Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).



Apesar de concordarmos com Souza (2013a) em não utilizar o termo “lâminas de machado”, com o intuito de não atribuir funções e usos que não é possível corroborar, acredita-se que pelo menos duas peças desta coleção consistem em lâminas de machado (Figura 7). Essa interpretação se baseia nas intensas marcas de uso distribuídas nas peças e na presença de adaptações para encabamentos. Além destas lâminas, um interessante conjunto que chamou atenção nesta coleção são as peças polidas possivelmente relacionadas a usos simbólicos (Figura 8). Apesar de não encontrar peças com padrões morfológicos similares na literatura utilizada, algumas possibilidades de utilização são apresentadas por Rostain & Wack (1987:133) como usos simbólicos associados à acompanhamentos funerários, enfeites e adornos, ou como parte de contextos religiosos e ritualísticos.



Figura 10 - À esquerda, lâmina polida DD.M.18.1 com evidências de lascamento e marcas de maceração. Nas laterais há um tipo de reentrância para o encabamento. À direita, lâmina em diabásio apresentando gume macerado. Tanto na vista superior quanto inferior existem marcas de maceração. Fonte: NuPArq/IEPA (2020).





Figura 11 - Lâminas possivelmente relacionadas a usos simbólicos. Fonte: Acervo NuPArq/IEPA (2020).

Os instrumentos identificados sugerem habilidades técnicas diversificadas ou saberes distintos, e apontam para um aproveitamento das matérias primas disponíveis na região, conforme também já foi observado por Barreto (2015) para o sítio Laranjal do Jari 01. Em geral, foram identificadas matérias primas pertencentes às classes amplas de rochas, neste caso, ígneas (basalto, diabásio, etc), metamórficas e sedimentares, além de minérios de ferro (como a hematita). Uma das matérias primas mais recorrente na coleção consiste no arenito, que se apresenta de variados tipos conforme as características texturais e mineralógicas observadas, estando associados à Formação Alter do Chão (Cretáceo/ Terciário) (IEPA 1997, Rabelo 2007, IBGE 2004).

A escolha dos suportes rochosos reflete não somente os objetivos do artesão, mas também aspectos que cercam a origem das matérias primas (Araújo 1992, Inizan 1995:21). Por isso, a distinção entre os diferentes tipos de matéria prima fornece informações sobre a disponibilidade ou não de jazidas (primárias ou secundárias) na região estudada, sendo essencial para se pensar a noção de território, apropriação do meio, trocas, entre outras questões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sítio Dona Dalvina parece estar inserido em um contexto mais amplo de ocupação do sul do Amapá, na qual as primeiras datações absolutas obtidas para a região foram divulgadas por Chmyz e Sganzerla (2006a, 2006b). Um destes contextos, situado entre os rios Cajari e Jari, foi datado em 4130 +/- 80 AP. Além disso, outras duas datações radiocarbônicas também foram reportadas para essa região: 350 +/- 60 AP e 1990 +/- 50 AP. Mais recentemente, Barreto (2015)



apresentou uma cronologia que se estende de 670-1450 AD, baseada em 16 datas radiocarbônicas obtidas para o sítio Laranjal do Jari 01. Os resultados apontam para dois horizontes culturais distintos, representados pelas cerâmicas Jari (670-1030 AD) e Koriabo (1155-1450 AD). A partir dos resultados da análise, o sítio Dona Dalvina parece estar relacionado à este último horizonte cultural, que se deve não só pela proximidade com outros espaços relacionados à cerâmica Koriabo como os sítios Laranjal do Jari 01 e Laranjal do Jari 02, como também pela presença de material cerâmico com características estilísticas semelhantes às já catalogadas por outros pesquisadores em sítios com a presença desse tipo de material no platô das Guianas (Saldanha & Cabral 2009, Van Den Bel 2010, 2015, Barreto 2015, Gambim Júnior 2016, Lima 2017), e que estão no cerne da discussão sobre a classificação desse estilo cerâmico.

Cabral (2011) alertou sobre a necessidade de uma compreensão menos normativa do termo *Koriabo*, já que sua frequente relação com outros elementos do registro arqueológico – cerâmicas lisas, diferentes estilos cerâmicos; contextos domésticos e funerários, horizonte tardio – nos faz lembrar que ainda conhecemos pouco sobre a distribuição desses materiais, suas funções e significados.

Infelizmente, até o momento, poucos sítios com contextos funerários foram sistematicamente estudados a partir de uma abordagem especializada no Amapá. A recuperação e escavação de apenas uma urna funerária e ausência de análises sobre elementos menos tangíveis do registro arqueológico - como sedimentos, carvões, assinaturas isotópicas - são balizas a serem consideradas, tendo em vista que a análise macroscópica dos remanescentes ósseos realizada até o momento, enquanto estratégia isolada, contribuiu de forma limitada para a compreensão sobre os locais de sepultamentos e sobre o processo de formação do sítio. A continuidade das pesquisas em Dona Dalvina deve, portanto, desenvolver estratégias para investigar mais a fundo a relação entre os diferentes espaços do sítio e, mais especificamente, entre os locais de enterramento e aqueles em que se desenrolam as atividades cotidianas.

Quanto à análise da coleção lítica, foi identificada uma variabilidade de tipos de vestígios líticos e de técnicas. Essa diversificação está possivelmente relacionada aos saberes envolvidos (competências técnicas), na produção dos objetos, ou seja, às diversas atividades desempenhadas



pelos grupos pretéritos, como afiar, cortar, bater, moer, fiar, além de objetos que podem estar associados à aspectos religiosos, simbólicos e ritualísticos. Entre os métodos utilizados na produção desses instrumentos líticos, se destacam a debitagem e a façongem, muitas vezes, sucedidas pelo uso de polimento.

Considerando os dados obtidos nas últimas décadas e os resultados das recentes pesquisas nessa região, é possível inferir que há uma recorrência nos estilos da cerâmica encontrada, com a presença de vasilhas floriformes, tigelas carenadas, jarros tóricos e ouriçoformes, bem como as decorações plásticas raspadas, com apliques e flanges. De igual modo, se observa uma frequência nos tipos de vestígios líticos identificados nesses sítios, bem como no uso de matérias primas. Apesar dos avanços observados para o panorama arqueológico do estado, os estudos sobre as indústrias líticas ainda são mais localizados em áreas específicas (Souza 2013b, Barreto 2015), assim como dos remanescentes ósseos e contextos funerários (Gambin Júnior 2016), necessitando difundir essas abordagens especializadas para as demais regiões.

Referências

- Araújo, A. G. de M. 1992. As propriedades físicas dos arenitos silicificados e suas implicações na aptidão ao lascamento. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2:63-74. S. Paulo.
- Arcelin, P., e Y. Rigoir. 1979. Normalisation du dessin en céramologie. In *Méthodes et Techniques*. Lambesc: Association pour la Diffusion de l'Archéologie Méridionale.
- Barreto, B. de S. 2015. Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do Amapá (670-1450 AD). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras (SE).
- Barreto, C., H. P. Lima, e C. J. Betancourt. 2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, IPHAN/MPEG.
- Boomert, A. 2004. Koriabo and the Polychrome Tradition: the Late-Prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In DELPUECH, A., e C. HOFMAN. *Late Ceramic Age Societies in the Eastern Caribbean*. Paris: Archaeopress/BAR IS 1273, Monographs in American Archaeology 14. pp. 251-266.
- Buikstra, J. E., e D. H. Ubelaker 1994. Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History. Fayetteville (Arkansas/EUA), Arkansas Archaeological Survey.
- Cabral, M. P. 2011. Juntando cacos: Uma reflexão sobre a classificação da Fase Koriabo no Amapá. *Revista Amazônica*, 3 1:88-106. Belém.
- Chmyz, I., e E. M. Sganzerla. 2006a. Ocupação humana na área do complexo Jari. *Arqueologia - Revista do CEPA/UFPR*, 9:129-146. Curitiba.



- _____. 2006b. Patrimônio Arqueológico na área da rodovia BR-156: Trecho Rio Preto – Laranjal do Jari, Estado do Amapá. *Arqueologia - Revista do CEPA/UFPR*, 9:17-40. Curitiba.
- Evans, C., e B. Meggers. 1960. Archaeological Investigations in British Guiana. Bulletin 177. Washington: Smithsonian Institution, 1960. 418p.
- Gambim Júnior, A. 2016. Corpo, vida e morte na Foz do Rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiaú Mirim I/AP. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Haudricour, A- C. 1987. *La technologie, science humaine. Recherches d'histoire et d'ethnologie des techniques*. Editions de la Maison des sciences de l'homme, Paris.
- IEPA - Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. 1997. Primeira Aproximação do Zoneamento Ecológico Econômico do Amapá (ZEE). Representação: Escala 1:1.000.000. Relatório final. Versão simplificada. Macapá, 106p.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2004. Estado do Amapá - Geologia. 1ª Edição, Escala 1:750.000
- Inizan, M. A., M. Reduron-Ballinger, H. Roche, e J. Tixier. 1995. Tecnologia da Pedra Lascada. Traduzido por Rodet, M. J, e J. R. Machado. 2017. Minas Gerais: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. 211p.
- Leroi- Gouhran, A. 1964. *O gesto e a palavra*. 1- Técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, 237p.
- Lima, J. J. S. de. 2017. Práticas de Deposição na Amazônia Antiga: As Estruturas Arqueológicas dos Sítios Laranjal do Jari I e II do Sul no Amapá. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Oliveira, E. 2016. Potes que encantam: estilo e agência na cerâmica policroma da Amazônia central (Dissertação de mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pelegrin, J. 1995. Technologie lithique: le Châtelperronien de Roc de Combe (Lot) et de lacôte (Dordogne). *Cahiers du Quaternaire*, 20:19-39. Paris: CNRS.
- Rabelo, B. V., et al. 2007. *Zoneamento ecológico econômico da area sul do estado do Amapá*. 2 ed. Macapá: Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.
- Rostain, S. 1994. L'occupation amérindienne ancienne du littoral de Guyane. 917 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Université de Paris I/Centre de Recherche em Archaeologie Precolombienne, Paris.
- Rostain, S., e Y. Wack. 1987. Haches et herminettes en pierre de Guyane française. *Journal de la société des américanistes*, 73 (1):107-138. Paris.
- Saldanha, J. D. de M., e M. P. Cabral. 2009. Relatório Preliminar de Resgate do Sítio Arqueológico Laranjal do Jari 01. Nuparq/Iepa, Macapá.
- Saldanha, J. D. de M., M. P. Cabral, A. da S. Nazaré, J. S. Lima, e M. B. F. da Silva. 2016. Os Complexos Cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização, in Barreto, C., Lima, H. P., e Betancourt, C. J. 2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, IPHAN/MPEG, pp. 86-96.
- Scientia. 2013. Projeto: Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção da UHE Santo Antônio do Jari, AP/PA – Relatório Final: Resgate de Campo do Sítio Monte Dourado I. São Paulo.



- Shepard, A. O. 1956. *Ceramics for the archaeologist*. Carnegie Institution of Washington: Washington.
- Silva, M. F. B., e L. F. Costa Leite. 2019. Relatório de delimitação dos sítios Açaizal I, Açaizal II e Água Branca IV, Rodovia BR-156, trecho sul (Lote 1), Laranjal do Jari/AP. Macapá: NuParq/IEPA.
- Skibo, J. M. 1992. *Pottery Function: a use-alteration perspective*. Springer: New York.
- Souza, G. N. de. 2013a. Estudo das Lâminas de Pedra Polidas do Brasil: diversidades Regionais e Culturais. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Souza, K. 2013b. Até onde vão as cicatrizes deixadas pelo tempo? Análise lítica da ocupação humana do Holoceno Médio e Tardio na bacia do Amapari/AP, Amazônia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Stabile, R. A., e A. S. Nazaré. 2019. Relatório do Projeto arqueológico para delimitação do sítio Água Branca V e medidas de sinalização dos sítios localizados ao longo da BR-156/trecho sul. Macapá: NuParq/IEAP.
- Tixier, J. 1978. *Méthode Pour L'étude des Outillages Lithiques, Notice sur les travaux scientifiques*. Paris: Thèse de doctorat d'état à Lettres, Université de Paris X, Nanterre, 117p.
- Van Den Bel, M. 2007. Crique Sparouine: un site amérindien de hauteur dans l'arrière pays du Bas Maroni, Saint Laurent du Maroni, Guyane française. Rapport de fouille archéologique préventive. Cayenne: INRAP,
- _____. 2010. A koriabo site on the lower Maroni river: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. In Pereira, E., e Guapindaia, V. EIAA 1. Belém: MPEG.
- _____. 2015. Rituais funerários e deposição cerâmica nos sítios AM 41 e La Pointe de Balaté.
- White, T. D., M. T. Black, e P. A. Folk. 2012. *Human Osteology*. 3ed. Burlington (Massachusetts/EUA), Academic Press

